

HISTÓRIA E POLISSEMIA DA IMAGEM

O dossiê temático deste número foi concebido durante o Seminário Internacional História e polissemia da imagem, coordenado por Nancy Alessio Magalhães, e realizado em novembro de 2007 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. O evento contou com patrocínio da CAPES e apoio do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação e do NECOIM¹.

Durante dois dias de intenso trabalho, foram expostos e debatidos os *papers* aqui publicados, que propiciaram um diálogo muito estimulante entre historiadores e colegas de outras áreas acadêmicas, nacionais e internacionais, acerca de metodologias interpretativas da imagem, considerada esta em suas possibilidades instituintes de um tônus de conhecimento.

A crescente percepção de ausência de sentido do mundo moderno pela dupla perda - da natureza e da obra humana, que inclui toda a história, - tão sublinhada, por exemplo, por Hannah Arendt, estimula a interpretação de diferentes linguagens como a oralidade, a escrita, a visualidade, a sonoridade e a cênica, como processos de se expressar e de criar o mundo. Este dossiê temático assume e enfatiza a condição polissêmica da imagem, e convida-nos a problematizar registros/linguagens visuais e audiovisuais que materializam temporalidades em construções narrativas. Em especial, aquelas narrativas que se referem aos modos pelos quais cada um(a) pode representar a si e ao outro na (re)construção de identidades, de historicidades.

A ciência e a tecnologia têm sido entendidas pelo senso comum como apologias do presente, e a imagem visual apresentada como a superação da oralidade e da escrita, vistas como traços de um passado em extinção. Essa hierarquização das linguagens obstaculiza o processo de conhecimento. Frente a tais desafios impõe-se a discussão das opções teórico-metodológicas no tratamento da imagem na escrita da História.

¹ Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro Oeste, vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

Este dossiê retoma e amplia os objetivos do seminário, disponibilizando agora para um público mais amplo os textos autorizados pelas quatro expositoras e os comentários dos seis debatedores.

O ensaio “La fotografía como memoria: reflexiones en/desde el siglo XXI” de Laura González Flores (Universidade Autônoma do México) propõe repensar a fotografia a partir de uma prática construtiva do imaginário social, questionando dimensões teoricamente supostas como inerentes à documentação fotográfica, apontadas entre os anos 60 e 90 do século passado. Os comentários de Marcelo Feijó “Iconografia e imagem”, e de Eleonora Zicari Costa de Brito “Fotografia, testemunho, documento”, apontam importantes questões para o aprofundamento desse debate.

Maria Bernardete Ramos Flores, da Universidade Federal de Santa Catarina, com o ensaio “Nacional *versus* internacional no modernismo brasileiro: a propósito da obra plástica de Ismael Nery”, abre uma discussão muito oportuna no campo da história das artes plásticas. Os comentários de Jaime de Almeida “O prazer de compartilhar”, e de Cléria Botelho da Costa, “Da tela ao texto” convidam os leitores a incorporar-se ao debate.

O dossiê conclui com uma estimulante incursão na complexa relação entre história, sociedades e linguagem fílmica, a partir de dois ensaios voltados para a problemática da presença das mulheres nas narrativas cinematográficas. O primeiro é “Imágenes patriarcalizadas y codificación fílmica en el cine cubano” de Brígida M. Pastor (Universidade de Glasgow), comentado por José Walter Nunes. Segue o ensaio “Vozes femininas no *Dez* de Abbas Kiarostami” de Célia Toledo Lucena (Universidade de São Paulo), comentado por Diva do Couto Gontijo Muniz.

Permanece, assim, a expectativa de que as questões aqui tratadas se desdobrem em infinitas outras, na desafiante tarefa do ofício de interpretação, que envolve qualquer cotidiano de pesquisa.

Nancy Alessio Magalhães
ORGANIZADORA DO DOSSIÊ